

Um mez depois de publicado 40 réis



O INQUERITO

Em virtude dos Decretos, com que o Governo respondeu ao Sr. Avides e ao Sr. Fernandes, deputados pelo Porto, procedem neste momento os Governadores Civis a um rigoroso inquerito para que se apure e se informe:

1.º Se nos diversos districtos existem instituições religiosas de ordens regulares, instituto ou regra, que se destinem à vida monástica;

2.º Se nos mesmos districtos existem estabelecimentos de ensino, propaganda, beneficência, ou caridade dirigidos por comunidades ou congregações;

3.º Se em quaesquer casas religiosas se dá admissão a ordens sacras e noviçados monestivos.

Obtidas as respostas dos Governadores Civis, ao Governo cumprirá dar execução ás disposições legais em vigor acerca desses institutos, e bem assim tomar as providencias mais conformes ao direito e á conveniencia publica.

Já alguém disse que as palavras foram inventadas para encobrir o pensamento.

E se ainda ninguém se atreveu a dizer que os inqueritos foram inventados para encobrir o que se pretende saber — dizemo-lo nós agora.

Nós o dizemos, e toda a gente o pensa.

Nem é necessario, para estabelecer esta verdade, que recorramos aos tratados de politica experimental. Para qualquer inquerito que a gente se volte, a verdade vem ao de cima, como o azeite vem ao de cima da agua.

Voltemo-nos para este, que é o que nos está mais proximo, e vejamos.

Ninguém ignora que os Governadores Civis são agentes directos, fiéis e garantidos, da vontade ministerial, e que para outra coisa o Governo os não nomeia que não seja para o cumprimento, exacto das ordens que tenna a dar-lhes.

Ninguém pôde ignorar, tambem, que o governo do Sr. Hintze Ribeiro, mandando fazer rusgas, distribuindo espadeiradas e balas, mettendo no hospital e no porão de um navio de guerra toda a gente que poderia, num dadom omento, exigir que lhe mostrassem os resultados positivos do inquerito decretado, procura evitar que alguém fique em estado e no direito de poder ter essa exigencia.

Portanto, não resta duvida sobre o que será esse inquerito.

Com o Decreto numa das mãos e na outra a lista das trinta congregações e institutos religiosos, que as *Novidades* publicaram, o Sr. Governador Civil de Lisboa começa a dar cumprimento ás disposições do Decreto. Dirige-se á Rua do Quelhas, tóca ao ferrolho das Dorotheas. Vem duas d'ellas á porta.

— Posso falar á Sr.ª Madre Geral?

— A Sr.ª Madre Geral não está cá. Foi a Paris...

— E demora-se muitos dias?

— Apenas o tempo necessario para fazer o seu novo fornecimento de fazendas e escolher os novos figurinos para a estação...

— Mas então, insiste o Sr. Governador Civil, no cumprimento rigoroso do inquerito — as senhoras aqui não são... freiras?

O Sr. José de Azevedo cumprimenta, pede desculpa, e vai bater a outra porta.

A outra porta a que bate é a das Irmãs Reparadoras, na capellinha dos Pombaes. Torna a tocar no ferrolho, tornam a vir outras duas.

— Têm a bondade de me dizer se hoje ha lausperenne?

— Não senhor! Hoje ha dobrada.

— ... Mas então, isto aqui, não é uma ordem contemplativa, com clausura e lausperenne?

— Não senhor. O cavalheiro está enganado. Isto aqui é... uma cosinha economica!

Terceira porta. Terceiro ferrolho. Outras duas irmãs. Para abreviar o inquerito, porque as irmãs são muitas, o Sr. Governador Civil resolve não entrar mais em conversas preambulares, e pergunta á queima-roupa:

— As senhoras aqui têm regra?

— ... ?!

— Pois as senhoras não vivem aqui como num convento?

— Não senhor. O cavalheiro está enganado...

— Mas então, insiste já um pouco fóra de si a primeira auctoridade do districto — isto aqui não é a casa das Irmãs Regeneradoras?!

— Não senhor, está enganado. Nós aqui somos todas... progressistas!



As irmãszinhas riem, acham muita graça ao equívoco, e explicam:

— Não senhor. O cavalheiro está enganado. Nós aqui somos... modistas!

E assim por deante.

Terminado o inquerito, e cuidadosamente reunidos todos os elementos de investigação, o Governo será então informado de que nenhum fundamento sério pode haver para o inicio da

violenta campanha, a que assistimos, contra as congregações e institutos religiosos em Portugal. Ver-se-ha e estabelecer-se-ha, de uma vez para sempre, que nenhuma d'essas santas e respeitáveis instituições se acha incursa no que foi disposto pelo Decreto de 1834. E para que nenhuma duvida possa restar, a tal respeito, no espirito publico, que tende sempre a perverter ainda as melhores intenções, publicar-se-ha no *Diario do Governo* aquella mesma lista de recolhimentos e capellinhas que as *Novidades* trouxeram, mas indicando para cada uma d'ellas, com a chancellia do Governo Civil, a classe de industria a que pertencam e que justifique a sua existencia legal.

E assim veremos, entre as toleradas, algumas firmas como estas:

Dorotheas. Casa mãe na Italia. Filhas da mãe, em Portugal, Rua do. Quelhas, Cathecheses e roupas brancas
Sœurs Riparatrices. Francezas. Rua Formosa. Lausperennes e espartilhos.

Trinas de Mocambo. Portuguezas. Rua das Trinas. Grande Bazar de Tres Vintens.

São José de Chiny & Irmãs. Irlandeses. Convento de São Patricio. Missões e consignações.

Etc. Etc.

O Governo terá levantado assim as taboas da lei, e a reacção continuará ao abrigo do sol da liberdade, por detrás das taboas.

RECLAME AMERICANO

N'um jornal do Rio de Janeiro encontramos o seguinte reclame ao famoso jogo dos bichos tão em voga na capital fluminense.

Boas grandes animas grande entre os grandes
Nenhum mais alto e gordo ha que o supplante,
Tanto assim que o Chaby ganhou o nome
Por ser tão gordo e de mais que o



Parece historia da carochinha mas é verdade.

Para o reclame não ha como os americanos. Sobriedade, concisão, aproveitamento e graça.

E se não, vejamos: n'uma só quadra reclamamos ao elephante do jogo e ao elephante do theatro.

Logares selectos

Recortamos de um collega alfacinha:

«Fez hontem annos este nosso dedicado amigo e assignante, caracter honestissimo e bondoso, aliando contudo um modo afavel e delicado».

Faz-nos lembrar um folhetim do sr. Alberto Pimentel, que começava assim:

«Era meia noite; no entanto chovia».

Oh! os bons espiritos!



Cosinha Economica da PARODIA

Recolta para manter a ordem



Toma-se um estudante da Escola Polytechnica, magro e fraquinho. Em seguida puxa-se d'um chanfallo e applica-se-lhe pranchada nas costas até que elle toque a rachado. Logo que as coisas cheguem a estes termos, racha-se-lhe a cabeça com o chanfa.



Iho já aquecido, até que a mioleira fique á de cima, como olha. Seguidamente, para que não esfrie, deita-se o paciente n'um calabouço do governo civil onde previamente devem ter sido creados cinco duzias de piolhos, pouco mais ou menos e abana-se o fogo sagrado da dedicação pela causa da ordem.



Logo que o sangue ferva nas veias do estudante e a paciencia do mesmo esteja em ponto de rebufado, tira-se do calabouço e deita-se na forma da Boa Hora, bem untada de parte carregada, e polvilha-se com custas de Matheus Teixeira e sellos de Tavares de Mello.



Como se escreve a historia

Trecho de uma carta d'um padreiro estabelecido na rua da Escola Polytechnica á familia, a proposito dos acontecimentos recentes:

«A certa altura foram tantas as pranchadas, tantos os tiros, tantos os vivas á liberdade e morras aos jesuitas, que até os meus pães ficaram com os miolos a arder».



DE BORLA

Patronio

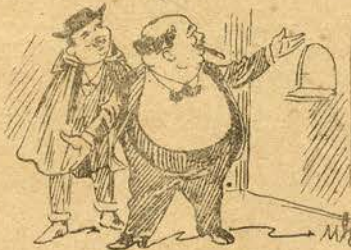


Parodia foi na quartelera ao Patronio. Chovia que era um louvar a Deus, por volta das sete e meia, quando sahimos de casa. Na rua da Atalaya, uma nossa vizinha, a porta, lastimava-se.

— Com esta chuva não ganho hoje para o petroleo!

Chegamos ao theatro n'uma verdadeira sôpa. A porta, o sr. visconde de S. Luiz de Braga tambem se lastimava.

— Hoje não ganho para o Patronio.



Enganava-se o caro visconde. Estava lá muita gente e da boa.
A's 8 e meia começou



TOREAR POR LO FINO



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO.
PORTO.

Uma sorte... sem sorte

—Matal ó!! Matal-ó!! Pero de verdad! Com isso não!



A pega

Em casa de Petronio.—Visita de Vinício.
—Abusos da autoridade.—Eunice, estudante da Polytechnica e chibatada pelo major Dias de Roma.

Ao subir o panno para o 1.º quadro, Petronio sem cheiro, arbitro avindouro das elegancias, compõe as belezas a um espelho, cercado de escravas, entre as quaes Eunice, tremula, tremula, escrava, baquelas, que é doida por walsas a trez tempos. Entra Marcos Vinicius Postaes, que anda com uma grande dor de haste por causa de Lygia, e



conta a Petronio o seu caso Calmon. Petronio chucha com elle e, como sabe o que são necessidades, offerece-lhe Eunice, que declara que não toma nada. Petronio chama o major Dias de Roma e ordena-lhe que applique 15 chibatadas na pega «com cautelinha, por causa da pelle». Meu dito meu feito, e cá temos a Eunice toda satisfeita porque levou só 15—e não teve aula de Economia Politica.

2.º quadro

Em casa de Cesar de Moraes.—Manifestações... terciarias.—Um festim de Balthazar Osorio.—Morte de um estudante de philosophia; mais violencias.

Lygia, que estava muito socegada em casa de Augusto, que tem restaurant no Chiado, foi presa por ordem de Nero e apparece toda assustada a Alteia, que a sabe toda. Alteia diz-lhe que o Cesar a quer pra socega. Lygia declara que só ama Vinício, e que quer deitar uma carta no seu Marcos Postaes. Alteia diz-lhe coisas muito tezas e, distralhida, conclue:



—Toma tento com o Nero. Esse gajo tem uma trêta!...

Entra Nero One de Bombarda, que deve ter uma bella capoeira, porque toda a gente lhe dá aves! Começa o festim perfumado a papel de Armenia. Cheira que regala. Entram os gladiadores, muito a caracter, de bigodinhos encerrados e penteados de risca ao lado.



Trambulhão para aqui, trambulhão para acolá. Uma dama da corte, que tambem é arbitra de elegancias e avindoura, exclama, entusiasmada:

—Por Hercules! Que belleza de idems!



Nero recita versos do sr. Santa Ritta que adormecem profundamente em estudante de philosophia. Escanado, o Cesar manda-lhe dar veneno pelo Tigelino da Casa. O rapaz desconfia da coisa, faz uma careta assombrosa, enfia o liquido el mento e catrapuz! Ante esta violencia, Petronio exclama:

—Sempre quero ver o que os jornaes dizem amanhã!



Os convivas vão para o jardim coser a tachada pelo systema preconizado no nosso ultimo numero—a pontos naturaes.



Marcos, que tem mau vinho, quer-se atirar a Lygia; mas Ursus atira-o de cangalhas e foga com a menina, gritando: Abaixo os jesuitas! Viva a liberdade! Não houve prisões.

4.º e 5.º quadros

Em casa de Nero One de Bombarda.—Violencias espantosas.—Prisão d'um cava-lheiro muito respeitavel.—Calumnias da opposição.—Protesto de Petronio. Notas soltas.

Nero fez um poema mas não o achou bom, porque nunca viu uma cidade a arder. Aconselham-no a que mande incendiar Roma. Nero não se fez rogado. Pouco depois apparece ao fundo o Alto do Pina muito inflamado. E' chamado a toda a pressa o sr. dr. Manuel Penteado, medico e amigo intimo da victima. Nero vai a varanda e, acompanhando se a cythara, canta:

Vá de bande, de bande, de bande,
Vá de bania, de banda, que é,
Vá dar um beijinho á preta,
Atchim! Atchim! Olé!

Isto é o 4.º quadro.

No 5.º Nero sabe que o povo não gostou do calor e pensa em lhe chegar outro. Pede logo a varios cavalheiros que assumam a responsabilidade da illuminação, mas todos elles se estão nas tintas. Petronio aconselha o Cesar que vá para o Cartaxo, para casa do Marcellinus Mesquitibus. Mas Popeia, que chegou n'aquelle momento da casa Mimoso, lembra a Nero que faça espalhar que foram os christãos que fizeram o magusto. Nero acha a ideia excelente. Petronio adverte-o de que aquillo não se faz. Nero manda-o passear e resolve mandar os christãos para o Circo. E enquanto Tigelino vai falar no caso ao Santos Junior, é annuciado um veihote que Nero manda entrar.

—Quem és tu?

—Paulo de terço, fora a cabeça! Apostolo e um seu creado.

—Que queres?

—Venho dar a minha lição de Cathecismo, que hoje é sabbado.

E dá realmente a lição, que traz na ponta da lingua.

SOIS CHRISTÃO?

SIM, PELA
GRAÇA DE
DEUS.



Nero, que está de mau humor, manda-o prender. Da se então uma scena que impressionou agradavelmente os jornalistas liberaes.

POLICIAS. (a Paulo) Tem a bondade...

PAULO. (aos policiaes) Fazem favor...

POLICIAS. (a Paulo) Então, por quem é...



Paulo é conduzido á esquadra da rua dos Capelistas até vir a resposta do Colyseu.

6.º Quadro

Morte de Petronio. — Echos & Noticias

Petronio, que vive de triclínio e pucariño com Eunice, recebe uma carta em que Sêneca lhe diz que Nero para reconstruir Roma com certo desafogo, vai mandar abrir as artérias do arbitro das elegancias. O qual arbitro resolve logo mandal-as abrir elle mesmo. Chama Eunice, que está boa como tresentos diabos, e Petronio deita-lhe pela cabeça rosas & Brazão.

Depois apparece uma familia que vem jantar com Petronio, á qual o galante homem conta as poucas vergonhas que se fizeram no circo, uma pega de cara feita pelo Ursus, coisas do arco da velha.

Como se faz tarde manda chamar o homem do talho que lhe dá uns talhos municipaes nos pulsos bem como á Eunice, que mal sabe no que se metteu.

Chegam Lyzia e Marcos. Petronio recebe-os muito bem e se querem jantar ainda ha alguma cousa, com franqueza!



Suas senhorias agradecem como se acceitassem, mas vinham do Reinata e por ora estavam com o fole das migas á ufa.

Petronio felicita-os e diz-lhes que vai morrer. «Se tenho alma, virei pousar junto de vós como uma borboleta ou, como querem os egypcios, com a Maria Falcão, no vosso telhado». E morre.



Marcos, com o horario marejado de lagrimas, exclama: —Morreu a elegancia! Um fato por 4\$500! Será possível?

E assim acaba a peça.

Definições:

Amanha—desculpa para a nossa preguiça de hoje.

Camulo:

Um parcho colado com o Cola-Tufo.

VERSOS NO... HAY

(A MANUEL GUSTAVO)



Caro Manuel!

Encravada,

A musa envia-lhe a queixa
De que hoje o que é versalhada,

Que o papasinho não deixa:
Poi-a tola
Do totitico,

Anda co' ella na folgosa,
Livrou-a do compromisso,
De modo que ella, manhosa,
Quando se falla em serviço
Nem que vicié queira prosa,
Nem isso!

Que elle, verdade, verdade,
Porque a verdade é o que é,
Seja dito á puridade,
Que foi enorme o alérgico
De o termos aqui ao pé,
Que é o mesmo que tel-o á mão!
Ha até gentes ludicras
Que abrigam a opinião
De que o bom Deus das mucosas
Teve com elle a attenção
De com «coceiras gostosas»
No sapiente porão,
Mudar tuer invernosas
Num lindo tempo de rosas
& Brazão!

Mas passou. E foi á fava,
Mudando um bem doce favo
N'um azedíssimo travo
De que você não gostava
Embora fosse Gustavo!

E assim Bardallo papa
Conforme o tempo que está,
Quando não passeia, ceca,
Quando não ceia-passeia!

TITO LITRO.



Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes AVISO AO PUBLICO

Transportes de carbureto de calcio

Desde 20 de março de 1901 as expedições de carbureto de calcio, que se apresentarem acondicionadas em taras metallocas, de preferencia cylindricas, hermeticamente fechadas e sufficientemente solidas para resistir a trepidações dos vehiculos em transitio e as manipulações ordinarias de carga e descarga, serão acceitas, para transporte nas linhas d'esta Companhia, aos preços e condições da Tarifa Geral, 1.ª classe de pequena velocidade. Fora d'estas condições será o referido artigo considerado materia explosiva e perigosa, e o seu transporte poderá ser feito, somente, nos termos da competência tapita especial n.º 4 de pequena velocidade, em vigor desde 1.º de outubro de 1886.

1.º de março de 1901

O director geral da companhia—Chapuy.

SERVICO DOS ARMAZENS

Fornecimento de parafusos e chavetas

No dia 1.º de abril pela 1.ª hora da tarde, na estação central de Lisboa (Rocio) perante a commissão executiva de esta companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de parafusos para madeira e metal e chavetas de ferro.

As condições estão pautadas em Lisboa, na repartição central dos armazens, edificio da estação de St.º Apollonia todos os dias uteis, das 10 horas da manhã á 4 da tarde e em Paris nos estriptions da companhia, 26 rue de Châteaudun.

O deposito para ser admittido a licitar, deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio exterior da estação central do Rocio, Lisboa 28 de fevereiro de 1901.

O director geral da companhia—Chapuy.

A PARODIA

O 1.º volume encadernado com a capa especial

Preço 2\$500 réis

Capa para encadernação do 1.º volume

Preço 700 réis

A venda:

Em Lisboa, na administração do jornal; no Porto, em casa de Arnaldo Soares, Praça de D. Pedro; em Coimbra, na Livraria de J. Mesquita.

A Administração encarrega-se de mandar encadernar o volume pela quantia de 200 réis.

Os pedidos de volume devem vir acompanhados de 200 réis, e de capa, de 40 réis para porte do correio.

EXPEDIENTE

Benguella

A administração d'A Parodia providencia os seus assignantes em Benguella de que suspendeu a remessa do jornal ao Sr. João Augusto Gonçalves, empregado na pharmacia Torres & Torres. Os Srs. Assignantes que desejem completar as suas colleções, podem dirigir-se directamente á administração.

FAZ QUE ANDA, MAS NÃO ANDA



O MARQUEZ : — Que me diz á lettra d'este Deoreto, meu Senhor ?
DOM JOSÉ POVINHO : — Digo-te que tens a lettra muito miúda, mas que a leio bem sem luneta.